BARREIRAS E ATITUDES FRENTE A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM CARACTERÍSTICAS AUTISTAS

Ana Caroline Soares [1]

Claudete Da Silva Lima Martins [2]

Resumo:

Tema: Barreiras e atitudes frente a inclusão de um aluno com características autistas. Objetivos:salientar quais as barreiras preponderantes que possam interferir no processo de aprendizagem, construção de rotinas, que possam estar interferindo nas relações que o aluno estabelece tanto de aprendizagem quanto de adaptação aos ambientes.Metodologia: O presente estudo de caso apresentado foi desenvolvido em uma escola Municipal de Educação Infantil do Município de Bagé, com um aluno de uma turma de Pré-Escola 01 a qual foi realizada uma pesquisa, social, qualitativa do tipo estudo de caso, tem caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado. Foram realizadas observações, entrevistas e questionários com as professoras, direção da escola e pais para que pudéssemos ter um maior conhecimento do caso estudado, podendo obter resultados e tecer um estudo teórico, diante das legislações disponíveis e barreiras identificadas.Resultados: Diante das observações e questionários realizados foram identificadas barreiras atitudinais que demonstravam impedir uma melhor adaptação do aluno a escola, pois a mesma desconhecia os processos pelos quais o aluno vinha vivenciando não sendo explicado nem revelado pela família do aluno. Conclusões: Após um longo trabalho de conscientização com a família, conversas realizadas com o Atendimento Educacional Especializado e vários encaminhamentos para atendimentos fora da escola percebeu-se uma melhora significativa nos processos de inclusão e adaptação do aluno ao contexto escolar, começando a romper com as barreiras que se interponham em sua efetiva inclusão.

Palavras-chave: Aluno - Ambiente Escolar- Barreiras

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

BARREIRAS E ATITUDES FRENTE A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM CARACTERÍSTICAS AUTISTAS

[1] Aluno de pós-graduação. anacaroline.soares@yahoo.com.br. Autor principal

[2] Docente. claudetemartins@unipampa.edu.br. Orientador

BARREIRAS E ATITUDES FRENTE A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM CARACTERISTICAS AUTISTAS

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Marianinha Lopes, no Município de Bagé, a qual faço parte da Equipe Pedagógica, este trabalho é fruto de uma investigação realizada em uma turma de Pré-Escola 1, no turno da manhã o qual se pretende investigar as barreiras que se colocam à interferir na aprendizagem e na participação de um aluno com características autistas no contexto da Educação Básica, refletindo a respeito das questões de acessibilidade e inclusão educacional.

Nossa investigação começa tendo como base a Constituição Federativa do Brasil, em seu Artigo 205 que dispõe:

> [...] é direito de todos o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos; e coloca como princípio para a Educação o acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. (BRASIL, 1988, Capítulo III).

Tendo como base nossa Constituição Federal é preponderante afirmar que todas as crianças têm direito a educação formal assim, a Declaração de Salamanca (1994) também afirma que toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos.

Este trabalho se justifica pela importância que a educação inclusiva vem adquirindo ao longo dos anos no contexto educacional e na vida de nossas crianças que antes não frequentavam o espaço de educação formal, frequentando escolas especiais ou até mesmo instituições sem o caráter educativo formal, assim é importante perceber que diferentes crianças portadoras das mesmas características neste caso o transtorno do espectro autismo possuem habilidades, ritmos de aprendizagem diferenciados que as barreiras que se interpõe em suas aprendizagens não são as mesmas, perceber que todos os alunos são únicos, embora muitas vezes diagnosticados ou não com o mesmo transtorno.

Dechichi, Silva e Ferreira (2012, p. 213) nos colocam, "[...] a principal característica do Transtorno Autista é o prejuízo da criança no que se refere ao seu processo de desenvolvimento, na interação social, comunicação, aquisição da linguagem e estruturação de jogos simbólicos ou imaginativos".

Neste estudo buscamos investigar quais as barreiras preponderantes na inclusão do aluno A, assim "independentemente do lócus das barreiras, elas devem ser identificadas para serem enfrentadas, não como obstáculos intransponíveis e sim como desafios aos quais nos lançamos com firmeza, com brandura e muita determinação" (EDLER CARVALHO, 2006, p. 128). Desta maneira, buscamos investigar, nomear as diversas barreiras atitudinais corporificadas na escola a fim de fazer entender que a inclusão precisa ser um objetivo de cada um. Assim sendo, pensemos conjuntamente em como iniciar uma transformação individual para uma transformação no coletivo. A autora Tavares (2012), nos conceitua algumas das barreiras atitudinais que devem ser evitadas: como a barreira

atitudinal da rejeição que é a recusa irracional a receber um público de pessoas com deficiência, bem como a recusa a interagir com esses espectadores. Não oferecer acessibilidade já é uma forma de exclusão, a barreira atitudinal de negação é quando se nega a existência ou o limite decorrente de uma deficiência. Em outros termos, é desconsiderar as dificuldades para a compreensão da obra ou para a participação em um evento quando não se tem a devida acessibilidade. A barreira atitudinal de ignorância é o desconhecimento que se tem de uma dada deficiência, das habilidades e potenciais daquele que a tem.

2 METODOLOGIA

Este trabalho destina-se a elaborar uma pesquisa, social, qualitativa do tipo estudo de caso, este estudo de caso é tido como uma história de um fenômeno passado ou atual, elaborado a partir de múltiplas fontes de provas, que pode incluir dados da observação direta e entrevistas sistemáticas, bem como pesquisas em arquivos públicos e privados (VOSS; TSIKRIKTSIS; FROHLICH, 2002). O enfoque qualitativo apresenta as seguintes características: o pesquisador é o instrumento-chave, o ambiente é a fonte direta dos dados, não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, tem caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo (GODOY, 1995B, SILVA; MENEZES, 2005).

O aluno investigado será denominado como aluno A, para preservamos sua identidade, possui 04 anos, pertence ao sexo masculino, estuda na Escola Municipal de Educação Infantil Marianinha Lopes, chegou a nossa escola este ano, no turno da tarde, possuindo algumas características que se destacam em seu comportamento e relações sociais. Neste sentido este estudo tem por objetivo salientar quais as barreiras preponderantes que possam interferir no processo de aprendizagem, construção de rotinas, que possam estar interferindo nas relações que o aluno estabelece tanto de aprendizagem quanto de adaptação aos ambientes.

Realizamos observações diretas do aluno, munidos de formulário para observação o qual aborda desde os espaços físicos da escola, o relacionamento entre professor e aluno, a condução das atividades e planejamento das mesmas pela abordagem da professora. Conversamos com as professoras do atendimento Educacional Especializado, com os pais do aluno, tivemos acesso a anamnese realizada pela mãe no início do ano letivo, ao relatório de desenvolvimento do aluno buscando entender um pouco do processo de inclusão e das barreiras que possam se interpor neste processo.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Nosso estudo se dá após duas semanas de aula do inicio do ano letivo, o qual nosso aluno A vinha passando pelo momento de adaptação a rotina escolar. Neste período começou a se perceber que A não demonstrava dificuldade em entrar na sala de aula, mas sim ao permanecer na mesma após algum tempo, que a chegada dos alunos o desorganizava, fazendo com que ele se agitasse, querendo sair da sala, seu foco atencional também não permanecia por mais de 10min na mesma atividade, muitas vezes não conseguia terminar o que havia sido planejado pela professora, assim como em algumas atividades não chegava nem a começar por não despertar sua atenção. Tinha muita dificuldade em se comunicar, sua fala é pouco entendível, empregava muita energia ao realizar determinadas atividades, não conseguindo cumprir comandos nem combinados. Algumas vezes se desorganizava a ponto de socar os armários, chutar colegas e professores. Após este período de adaptação e observação dos alunos começamos a chamar os pais dos alunos que mais despertavam nossa atenção a fim de conhecer um pouco sobre sua história, frequência a outros ambientes educativos, cumprimentos de combinados. A não apresentou dificuldades em sua adaptação, pois

trata todas as pessoas que se aproximam dele com muita empatia, dando um abraço de forma exacerbada, com muita alegria, recebendo todos que entram em sua sala de aula. No entanto, A não consegue manter um diálogo com seus pares, professores, conversas e brincadeiras não costumam fazer parte de seu contexto. Sua fala é isolada, não mantém um diálogo, algumas vezes apresenta uma fala com ecolalia. Quanto aos seus conhecimentos demonstra conhecer e verbaliza o nome das cores, dos números, pronuncia palavras e músicas em inglês, reconhece letras e formato de palavras que já viu na televisão, já consegue ler algumas palavras, conhece e escreve seu nome sem ajuda, já conhece a maioria das letras.

Ao conversar com a mãe de A percebeu-se a mãe muito fechada, observadora, não relatando muito sobre a história de A, no entanto percebia-se que um longo caminho de aproximação e estreitamento de vínculos tinha que se estabelecer para podermos ajuda-lo, já que a mãe não o reconhecia os comportamentos apresentados por nós, apesar de nos contar que em casa ele pulava muito em sua cama, que era difícil de ele se interessar por algo que não fosse pular e olhar vídeos no celular, não havia rotina em casa, ela cuidava de duas acamadas e ele ficava a ajudando. Em sua trajetória escolar havia passado por três escolas no último ano, as quais não tinha conseguido se adaptar, todas no turno da tarde. Neste momento começamos a entender um pouco das vivencias de A, e buscamos investigar. Durante este primeiro mês do início do ano letivo foi necessário chamá-la mais algumas vezes durante a tarde para que viesse buscar o aluno, já que o mesmo não conseguia permanecer na escola se desorganizando com facilidade.

Ao conversarmos com a professora da turma ela relatava que A se agitava muito em determinados momentos, e depois queria dormir na sala de aula, se mostrando muito cansado. Foi necessário trocar A de turno o qual se adaptou melhor no turno da manhã, já que a tarde costumava cochilar em casa. A se identificou muito com sua professora a qual mantinha um bom vínculo com o aluno, no entanto a professora de A precisou sair da escola e começou uma nova adaptação, com a nova professora.

A professora de A nos relata que ele ainda possui muita dificuldade em permanecer na sala de aula, que em alguns momentos é necessário adaptar a atividade para ele e mudar constantemente suas atividades. A se interessa por letras e números, diferente dos seus colegas, então é necessário ter um outro planejamento. Sua ida a diferentes espaços deve ser planejada com antecedência e antecipada ao aluno.

Após inúmeras conversas com a mãe e com a observação do atendimento educacional especializado, foi pedido uma investigação e dado alguns encaminhamentos para que a mãe procurasse atendimento ao aluno, e assim a mãe começa a nos revelar que ele já havia sido encaminhado anteriormente que já haviam sido levantadas algumas suspeitas que ele pudesse ter transtorno do espectro autismo, só que ela não havia simpatizado com o médico neuropediatra. E assim o aluno começa a fazer atendimento com a fonoaudióloga, com a psicóloga, e com a psicoterapeuta e a evoluir em sua linguagem, demonstrando uma maior organização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste segundo semestre percebe-se que várias atitudes foram tomadas, para que A conseguisse permanecer no ambiente escolar de forma a estabelecer rotinas, já que sua mãe pensava em tirá-lo da escola, após não aceitar algumas considerações feitas pela escola. A trocou o turno escolar, foi retirado o pula-pula do corredor da escola, no qual era passada para o refeitório, a fim de que A pudesse ir até o refeitório sem ficar no pula-pula, foi estabelecido um horário diferenciado para o aluno, assim ele não presencia a entrada de todos os colegas, chegando um pouco mais tarde, seus dias de aula foram alternados, pois A não pode sair mais cedo, pois vem de transporte escolar. Percebe-se que algumas barreiras atitudinais se fazem presentes na trajetória de nosso aluno, geralmente as barreiras atitudinais não aparecem isoladas, muitas vezes se apoiam umas nas outras, camufladas em atitudes que pretendiam ser inclusivas. Sendo assim, a principal barreira encontrada

foi a atitudinal, a qual se percebe que pessoas muito próximas ao aluno, não reconheciam suas caraterísticas nem as aceitavam, após longas conversas e um trabalho realizado com a família do aluno, para que nos apoiasse e procurasse participar do processo escolar de seu filho.

Sendo assim, percebe-se que já estamos avançando no caminho da inclusão do aluno, o diagnóstico médico só necessita de uma nova avaliação, pois parece ser associado a uma hiperatividade. A mãe já aceita as características de seu filho e começa a participar do processo de inclusão, aceitando melhor as colocações da escola e vem trabalhando em parceria para a fim de adaptar melhor o aluno, buscando estabelecer rotinas e combinados em casa. As professoras conseguiram adaptar sua rotina, buscando antecipar momentos, flexibilizar tempos e espaços. Foi destinado ao aluno um cuidador para que ele pudesse vivenciar outros espaços enquanto a professora atende a turma. Neste momento a inclusão começa a se fazer presente de forma autêntica buscando respeitar as individualidades de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 10 de set. 2018.

DECHICHI, Claudia; SILVA, Lázara Cristina da; FERREIRA, Juliene Madureira (Org.). **Curso Básico:** educação especial e atendimento educacional especializado**.** Uberlândia: EDUFU, 2012.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais 1994. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/ seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf. Acesso em: 10 de set. 2018.

EDLER CARVALHO, Rosita. Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva. 5ª ed. Porto alegre: Mediação, 2006.

FREITAS Wesley R. S e. JABBOUR Charbel J. C. **Utilizando Estudo de Caso (s) como Estratégia de Pesquisa Qualitativa:** Boas práticas e Sugestões**.** Disponível em: https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/8.12a%20estudo%20de%20caso.pdf.Acesso em: 10 de set. de 2018.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995ª.

TAVARES, F. Barreiras atitudinais e a recepção da pessoa com deficiência. In: TAVARES, L. B. (org). **Notas Proêmias:** Acessibilidade Comunicacional para Produção Culturais. Pernambuco: Cepe Editora. DVD Acessível. 2013. p. 22-31.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M. Case research in operations management. International Journal Of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, p. 195-219, 2002.